

Sobre o que se ri: *Olívia* e o enfrentamento de si mesma

Crítica da peça *Olívia*, de Cia Casa de Palhaça

Por *Lívia Mattos*¹

Dialogando com a proposta do festival - que traz a perspectiva para os documentos poéticos em cena - o espetáculo *Olívia* apresentou uma narrativa poeticômica sustentada por uma pesquisa pautada em vivências e sensações biográficas, através do corpo e discurso de uma mulher: Dani Majzoub. A partir da apresentação do espetáculo em formato híbrido - com público presencial e transmissão online - tornou-se vívida a interação com o público, como elemento constituinte do espetáculo, em seus risos, silêncios, suspiros ou mesmo nas entradas em cena propostas. Desta forma, a experiência online, que foi o meu caso, apresentou-se mais convidativa ao riso, ao estar junto, disposta ao proposto, do que se fosse exclusivamente uma transmissão virtual. Sobre esse aspecto, vale também destacar o papel da captação audiovisual, que é um interface interlocutora, que produz a sua narrativa para quem está do outro lado da tela, através das suas escolhas de edição e enquadramento.

O palhaço é um ser que enfrenta sobretudo a si mesmo. À palhaça, o desafio se exponencia, por sua circunscrição no corpo de uma mulher, ao qual, historicamente, foi negado o espaço para o ofício de fazer rir, de lidar com o grotesco, com o risco do improviso... e, mais do que isso, de lidar com suas próprias questões, sobre o que te aflige e expressar as suas angústias e quereres - expondo comicamente estes atravessamentos, como é apresentado no espetáculo.

¹ Lívia Mattos é circense, acordeonista, cantautora e socióloga. Nascida em Salvador/BA, dedica-se à pesquisa sobre o circo brasileiro - sobretudo no que tange a sua interface com a música - documentando narrativas de circenses veteranos e desenvolvendo trabalhos autorais no campo cênico-musical há 18 anos. Destaca-se, dentro da sua produção criativa, "A Sanfonástica Mulher-Iona", "As trigêmeas", "Mono Amour", "Sanfona aérea", "A Lira da Lona" e o mais novo "Retumbantes" - além do seu álbum "Vinha da ida", lançado pela Natura Musical. Atualmente, é mestranda em Artes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Olívia não é uma personagem, tampouco uma atriz que atua uma personagem palhaça. Nessa proposta de Dani Majzoub, Olívia não é, se não, uma dilatação de si mesma, de seus traumas, enfrentamentos e incoerências, lidando com tudo isso na figura da sua palhaça. Assim, o espetáculo não se constitui na repetição de *sketches* conhecidos do repertório amplo da palhaçaria, mas na criação de seus próprios *sketches*, para dar conta de questões e perspectivas que não são tratadas nesse repertório. Para se criar um repertório, que mais do que pessoal, diz respeito a um coletivo invisibilizado de mulheres e de mulheres palhaças.

A maquiagem minimalista, composta por batom vermelho, um pouco de branco no canto do olho e nariz de palhaça; o figurino listrado horizontalmente, dilatando a característica "fora do padrão" da indústria do emagrecimento; os elementos cenográficos, cobertos de colagens de revistas e *barbies*; e os recursos de iluminação, que desenham as quebras e continuidades dramáticas; são elementos cênicos orquestrados para compor essa narrativa de uma palhaça que se representa e se rerepresenta, como Olívia, denunciando essa violência que se afere à mulher diariamente. Tratar de assuntos como a padronização dos corpos, o *bullying*, a medicalização e todo mercado do emagrecimento, tudo isso ao que foi exposto o seu próprio corpo, com suas subjetividades e traumas, e trazê-los para cena através da sua palhaça, é um ato e uma tarefa de coragem. E de cura. Como rir do que não se tem a menor graça? A palhaça ri de si mesma, construindo um discurso que não mais se pormenoriza pelo que se é, mas que tece o seu processo de encontrar o seu lugar no mundo, que está sobretudo nesse encontro consigo mesma.

Algumas referências apontadas durante o espetáculo, através de elementos cenográficos, sonoplásticos e gestuais, são apresentadas como metáforas desse processo na linha do tempo de sua vida. A corda - de pular corda - por exemplo, é um dispositivo para um retorno à sua infância, às vozes "bullyinosas" que atormentaram e a atormentam toda vez que ela tenta pular corda. A corda, como elemento de brincadeira infantil, trazido no contexto do uso *fitness* para emagrecimento, é o elemento-ponte desse enfrentamento passado-presente. Já a música do filme *Flash Dance* traz à tona seus conflitos adolescentes em almejar um corpo que não é o seu, em desejar ser outra, indesejando-se. Trata-se de um processo de construção de identidade, que nos leva, quanto público, a também

olhar para nossos traumas, violências e posicionamentos.

O espetáculo *Olívia* faz cômico à militância da palhaçaria feminina, que tem se organizado e se articulado para ocupar espaços e apresentar narrativas marginalizadas nos contextos cênico-sociais. A partir da incoerência poética com a qual as palhaças e palhaços lidam para desenvolvimento de sua comicidade, aponta-se a incoerência do mundo, de si mesmas e do próprio riso.